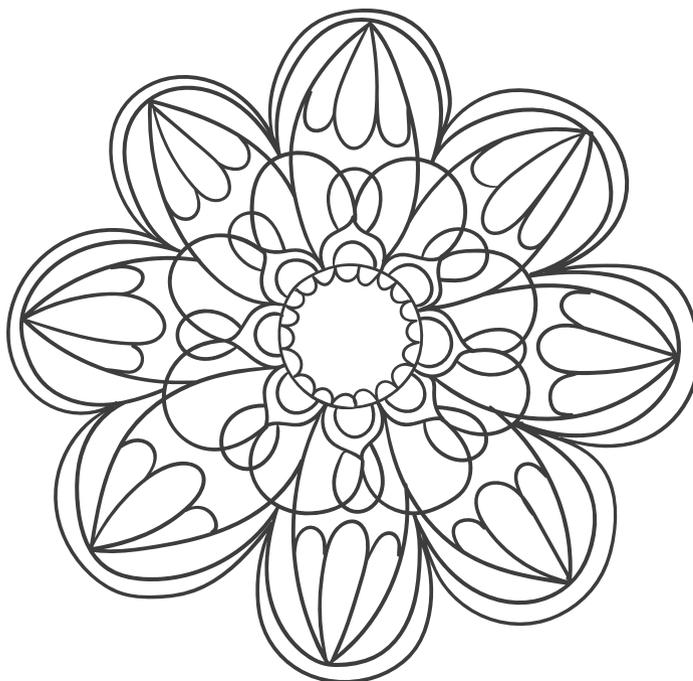


Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades:

LINGUAGENS, APELOS, DESEJOS,
POSSIBILIDADES E DESAFIOS...





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Reitora

CLEUZAMARIA SOBRAL DIAS

Vice-Reitor

DANILO GIROLDO

Chefe de Gabinete

MARIA ROZANA RODRIGUES DE ALMEIDA

Pró-Reitores

Graduação - PROGRAD

DENISE MARIA VARELLA MARTINEZ

Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP

EDNEI GILBERTO PRIMEL

Extensão e Cultura - PROEXC

LUCIA DE FATIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Planejamento e Administração - PROPLAD

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

Infraestrutura - PROINFRA

MARCOS ANTONIO SATTE DE AMARANTE

Assuntos Estudantis - PRAE

VILMAR ALVES PEREIRA

Gestão e Desenvolvimento de Pessoas - PROGEP

RONALDO PICCIONI TEIXEIRA

EDITORA DA FURG

Coordenador Editora, Livraria e Gráfica

JOÃO RAIMUNDO BALANSIN

Chefe Divisão de Editoração

CLEUSAMARIA LUCAS DE OLIVEIRA

A882 Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades : linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios... / Organizadoras Paula Regina Costa Ribeiro, Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Filomena Teixeira.
Rio Grande: Editora da FURG, 2015.
248 p.

ISBN: 978-85-7566-385-1

1. Educação - Sexualidade 2. Educação - Práticas educativas 3. Corpo
4. Gênero 5. Sexualidade 1. Ribeiro, Paula Regina Costa Org. II.
Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz Org. III. Filomena Teixeira Org.

CDU 37:613.88

PROGRAMA PARA MULHERES NA CIÊNCIA: INVESTIGANDO ALGUMAS QUESTÕES DE GÊNERO E CIÊNCIA

Fabiani Figueiredo Caseira e Joanalira Corpes Magalhães

Fabiani Figueiredo Caseira

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde da FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE).
E-mail: caseiraff@gmail.com

Joanalira Corpes Magalhães

Professora Doutora do Instituto de Educação e dos PPG Educação em Ciências e Educação da FURG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE).
E-mail: joanaliramagalhaes@furg.br



PROGRAMA PARA MULHERES NA CIÊNCIA: INVESTIGANDO ALGUMAS QUESTÕES DE GÊNERO E CIÊNCIA

Fabiani Figueiredo Caseira e Joanalira Corpes Magalhães

MULHERES NA CIÊNCIA: POSSIBILIDADES, LUTAS, DESAFIOS E OBSTÁCULOS

Mas eu ainda prefiro cem vezes mais uma jovem simples e grosseiramente educada, a uma jovem culta e enfiada, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura de que seria presidenta. Todas essas mulheres de grandes talentos só aos tolos impressionam. Toda jovem letrada permanecerá solteira a vida inteira, em só havendo homens sensatos na terra (ROUSSEAU, 1992, p. 490).

Se o mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015).

Refletindo acerca das epígrafes citadas, nos emergem alguns questionamentos. Por que as mulheres eram consideradas incapazes de participar da vida política, científica e profissional? Por que agora o mundo precisa de ciência e a ciência precisa de mulheres? Por que o caminho “natural” para as mulheres era o lar e os/as filhos/as? Por que a penalidade para mulher que quisesse produzir conhecimento seria permanecer solteira?

Interpeladas por alguns entendimentos teóricos dos Estudos de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas, e mobilizadas pela busca de discutir algumas questões como

essas, nos desafiamos a escrita desse texto. Nossa proposta é a de analisar as publicações presentes no site da Academia Brasileira de Ciências (ABC), referentes às mulheres cientistas premiadas pelo Programa “Para Mulheres na Ciência” do ano de 2013. Tal premiação surge no Brasil em 2006, a partir do programa “Para Mulheres na Ciência”, por meio de uma parceria desenvolvida entre a ABC, L’Oreal e a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO), segundo o programa, com objetivo de ceder espaço, apoiar e incentivar a participação das mulheres brasileiras no cenário científico do país.

Ao construir essa pesquisa, não buscamos uma causa no passado para o surgimento dessa premiação ou sua repercussão na contemporaneidade, mas procuramos tecer algumas considerações acerca dessa premiação, buscando, nesse sentido, algumas pistas de sua emergência, bem como algumas rupturas que têm sido provocadas com relação à presença das mulheres na ciência. Objetivamos discutir a presença das mulheres cientistas na atualidade e essa premiação específica destinada a essas profissionais.

Para produção dos dados, foram utilizadas duas matérias presentes no site da ABC. A primeira foi uma reportagem presente na página da ABC e a segunda trata-se do relatório anual de atividades 2013, referente ao programa e as laureadas do ano referido. Nessas reportagens procuramos analisar as representações e significados acerca da presença das mulheres no campo da ciência. Para análise dos dados utilizaremos algumas ferramentas da análise do discurso de Foucault, a fim de investigar essa rede discursiva que envolve as temáticas de gênero e ciência no programa “Para Mulheres na Ciência”.

No primeiro momento buscamos compartilhar com os/as leitores/as a fundamentação teórica e alguns/algumas autores/as que vêm transitando dentro dessa temática ou de temáticas mais amplas que estão nos possibilitando pensar

sobre a presença da mulher na ciência. Posteriormente, vamos apresentar a metodologia de produção e de apreciação dos dados e algumas análises tecidas nesse artigo. Para finalizar, tecemos algumas considerações.

MULHERES NA CIÊNCIA: A EXISTÊNCIA DE “BARREIRAS INVISÍVEIS” DE GÊNERO NA CARREIRA CIENTÍFICA BRASILEIRA

Mesmo que o caminho está nominalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública -, são muitos, imagino eu, os fantasmas e obstáculos. Penso que é muito bom e importante discuti-los e defini-los, pois só assim é possível dividir o trabalho, resolver as dificuldades. Mas, além disso, também é necessário discutir as metas e os fins pelos quais lutamos, pelos quais combatemos esses obstáculos tremendos. Não podemos achar que essas metas estão dadas; precisam ser questionadas e examinadas constantemente. (WOLF, 2012, p.18)

A epígrafe citada acima nos possibilita refletir acerca da trajetória que nós, mulheres, temos enfrentado para exercer as nossas profissões na contemporaneidade, bem como a marcas, representações e significados acerca da mulher no mercado de trabalho que ainda precisam ser desconstruídas em nossa sociedade. Ao pensar sobre a mulher na ciência, também podemos refletir sobre alguns caminhos que precisamos percorrer, transitar e questionar a fim de participar, de maneira igualitária, das mesmas posições e cargos no que tange a produção do conhecimento com relação aos homens.

Segundo Londa Schiebinger (2001), durante muito tempo as mulheres foram invisibilizadas e excluídas da produção do conhecimento. Essa ausência se deve à institucionalização e profissionalização da ciência, e a formação familiar do núcleo hierárquico, o qual restringia o espaço privado do lar as mulheres e o espaço público aos homens, que no caso incluía o espaço da produção da ciência.

Durante muito tempo foi se (re)construindo esse discurso de que a mulher não teria a capacidade de produzir conhecimento. Segundo Fanny Tabak (2002, p. 56)

Estudos biológicos e psicológicos dedicam-se a explicar aptidões, de acordo com a constituição nata do homem e da mulher. Assim na década de 1950, se sustentou que a mulher não teria personalidade de um cientista bem sucedido: independência, persistência e afirmação.

Podemos evidenciar o quanto ainda esse discurso e atributos dados aos gêneros permanecem no cenário contemporâneo circulando em diferentes instâncias sociais, como por exemplo, a mídia, a família, a escola, a universidade, entre outras. Nessa circulação de saberes sobre os gêneros, determinadas áreas da ciência são apontadas como aquelas que detêm autoridade e legitimidade para falar sobre os homens e as mulheres, como, por exemplo, a psicologia e a biologia.

Para Fabíola Rohden (2001, p. 15) “a diferença física entre os sexos é expressa desde os ossos até o cérebro, passando pela pele, pelos músculos e pelas fibras. O corpo masculino é quase sempre descrito como superior em relação ao feminino”. Isso, de acordo com a autora, se deve ao fato de que “o corpo feminino seria moldado para a gestação e para o nascimento”. A partir de tais explicações, pautadas nessa materialidade biológica, vão sendo atribuídas características ao corpo feminino – delicado, materno, reprodutivo, desprovido

de inteligência, entre outras – na busca de justificar a ausência feminina na história da ciência, pois são atributos de um cientista bem-sucedido a independência, persistência e afirmação.

Ao longo do tempo, foram sendo construídos formas e posicionamentos sociais para homens e mulheres, bem como a representação de cientista e seus atributos. Nessa discussão, não estamos negando que as mulheres não tenham feito parte da história da ciência, mas que foram diferentes as estratégias para invisibilizar sua presença. Segundo Loudes Bandeira (2015), a ciência moderna se ancora em alguns pressupostos fundadores da produção científica na história da ciência, que são eles

argumentos naturalistas, condição de neutralidade da ciência, com perspectiva masculinista e com linguagem androcêntrica; e dimensão universal atribuída ao conhecimento científico, assim como pela crença no caráter progressista da racionalidade científica (p. 208).

Segundo Fabiane Silva (2012), a crítica do feminismo à ciência opera por meio de uma construção social linguística, na qual a ciência não é neutra, pensando nos marcadores de gênero, etnia, classe social entre outros que marcam suas produções. Essas autoras argumentam que “do mesmo modo que o gênero, a ciência também é uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder” (SILVA, 2012, p. 55).

Por esse viés, estamos entendendo os gêneros como construções sociais, culturais e políticas. Conforme nos aponta Dagmar Meyer (2005, p. 16)

Gênero, a partir das abordagens feministas pós-estruturalistas, é entendido como uma construção social, cultural, histórica e

linguística, produto e efeito de relações de poder, incluindo os processos que produzem mulheres e homens, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Pensando nessa construção e as representações que vão sendo atribuídas aos sujeitos conforme seu gênero, Guacira Louro (2014), nos aponta que a crítica feminista à ciência tem por objetivo tornar visível quem está ocultada, por meio da segregação social e política às quais as mulheres foram historicamente conduzidas à invisibilidade. Essa invisibilidade é produzida através de múltiplos discursos que caracterizavam a esfera do privado e o mundo doméstico como o “verdadeiro” universo feminino.

Permeadas por esses entendimentos e pressupostos teóricos, pretendemos nesse texto analisar as publicações presentes no site da Academia Brasileira de Ciências (ABC), referentes às mulheres cientistas premiadas pelo Programa “Para Mulheres na Ciência” do ano de 2013, buscando tecer algumas discussões sobre os significados e representações construídas acerca da presença e atuação das mulheres no campo da ciência.

RECORRENDO A ALGUMAS FERRAMENTAS PARA PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para produção dos dados vamos investigar duas matérias divulgadas no site da ABC: o relatório anual de atividades 2013 da ABC e uma reportagem referente ao programa “Para Mulheres na Ciência” e as laureadas do ano de 2013.

Justificamos a escolha de analisar materiais referentes ao ano de 2013, pois esse ano é o que contém maior quantidade

de dados disponíveis, além de algumas mudanças no edital que foram introduzidas a partir do mesmo, como a inserção de um tópico de sugestão para que as vencedoras no edital desenvolvessem atividades que estimulem a produção e disseminação das ciências nas escolas.

Para contextualizar essa premiação e sua repercussão, iremos apresentar brevemente os órgãos que fazem parte da mesma. Vamos iniciar essa contextualização com Academia Brasileira de Ciências (ABC). Ela foi fundada em 1916 com o principal objetivo de estimular a continuidade do trabalho científico dos seus membros, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão da importância da ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país. Inicialmente, era dividida em três grandes áreas Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas, as quais posteriormente foram divididas em Ciências Matemáticas, Físicas, Químicas, da Terra, Biológicas, Biomédicas, da Saúde, Agrárias, da Engenharia e Sociais.

A UNESCO foi criada em 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados; atualmente são 193 países, na busca de soluções para os problemas que desafiam a sociedade. Ficou a cargo da UNESCO, mais especificamente da divisão de direitos humanos e paz, o papel no impulso dado aos estudos e pesquisas com relação à participação feminina nos espaços públicos, incluindo na participação da ciência.

A L'Oréal, é uma empresa multinacional francesa de cosméticos com sede em Clichy, na França. Fundada em 1909 por Eugène Schueller, é especializada em produtos para cabelos (xampus e colorações), perfumes, maquiagens, protetores solares e produtos dermatológicos. Mais voltada especificamente para produtos tidos como do universo feminino, inclusive a maioria de suas propagandas são

direcionadas para esse público. Recentemente a empresa têm produzido produtos para o público masculino, no sentido de atender a esse segmento.

No Brasil, a premiação “Para Mulheres na Ciência” teve origem em 2006, por meio de uma parceria entre a UNESCO Brasil, a L’Oréal e a ABC. Com a firme convicção de que a ciência é a chave para solucionar os enormes desafios do mundo atual e mudá-lo para melhor, essa premiação busca favorecer o equilíbrio dos gêneros no cenário brasileiro incentivando a entrada de jovens mulheres no universo científico. A cada ano, 7 jovens pesquisadoras brasileiras de algumas áreas de atuação são contempladas com uma bolsa-auxílio de 20 mil dólares.

Com relação aos dados empíricos, o relatório anual da ABC (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015), apresenta a emergência dessa premiação, porque que ela surgiu e um pouco de seu histórico. Nesse relatório também é apresentado alguns efeitos dessa premiação que, conforme consta no documento, possibilitou uma maior visibilidade para as mulheres na ciência. A reportagem disponível na página da ABC (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015), apresenta os sentimentos e percepções das laureadas ganhadoras, bem como o relato de algumas ganhadoras de anos anteriores descrevendo como essa premiação auxiliou de certa forma na sua carreira.

Na análise dos materiais empíricos desse artigo buscamos olhar ao nível do que está sendo dito, olhar seus signos, e partir deles entender as relações de poder-saber presentes nessas enunciações sobre as mulheres na ciência.

Analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos.

[...] consiste em não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2004, p. 55).

Neste sentido, os discursos não descrevem simplesmente objetos e, sim, produzem os objetos sobre os quais falam. Nesse processo, o importante não é defrontarmos o discurso e o objeto ao qual se refere, mas, sim, examinarmos quais são seus efeitos de verdade, ou seja, determinar como eles são tomados como verdades. Assim, nas análises culturais, consideramos como os discursos constroem, “de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder” (FISCHER, 2002, p. 86).

Por esse viés, os discursos são entendidos como um conjunto de enunciados que se apoiam em formações discursivas e que são definidos em um determinado quadro de condições de existência (FOUCAULT, 2004). O enunciado é compreendido como

uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que

apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2004, p. 98).

Assim, para que possa se tornar visível um enunciado é preciso estar atento/a às enunciações que fazem parte dele. Para Foucault (2004, p. 114) “há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido. Cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal”. Para Foucault (2004), as enunciações podem ser narrativas ou imagens, que corporificam e constituem um enunciado; nesse sentido a enunciação é o que faz com que esse enunciado se torne visível. Dessa forma, ao olhar essa premiação percebemos algumas enunciações que dão visibilidade ao enunciado da presença das mulheres da ciência.

MULHERES NA CIÊNCIA: TECENDO ALGUMAS ANÁLISES

Olhar para essa produção presente no *site* da ABC referente ao programa “Para Mulheres na Ciência” nos desestabilizou e possibilitou questionar algumas verdades e discursos que estão sendo postos com relação à mulher na ciência. Qual a condição da mulher cientista na contemporaneidade? Que cientista é esta que está sendo evidenciada por essa premiação? O que representa essa premiação para uma cientista? Quais desdobramentos podemos perceber no campo da ciência a partir dessa premiação?

Buscamos alguns excertos para realizar essas discussões. O primeiro excerto faz referência a premiação “Para Mulheres na Ciência”.

desde 2006, em parceria com a L’Oréal e a Unesco, confere anualmente a um grupo de jovens e talentosas cientistas uma bolsa

auxílio, que não somente ajuda no aporte de recursos aos seus laboratórios, mas também confere prestígio e reconhecimento às laureadas (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015).

É possível notar que não é qualquer cientista merecedora de tal prêmio, ela tem que ser diferente das demais, ela tem que ter talento para poder se destacar, afinal a ela vai se conferir prestígio e destaque dentre as demais cientistas. Logo, podemos nos questionar: a cientista que não ganha essa premiação ela não tem talento para a ciência ou não tem capacidade de desenvolver uma pesquisa capaz de ganhar uma premiação como a da L'Oréal?

Conforme o Dicionário de língua portuguesa (FERREIRA, 2010, p. 1997) podemos definir talento como “aptidão natural, ou habilidade adquirida [...] inteligência excepcional, engenho”. Pensar nesse sentido da palavra talento como um adjetivo para as mulheres ganhadoras nos provoca a pensar se existe um talento para ser uma cientista? Se esse talento é algo inato?

Schiebinger (2001) relata que em determinado período do século VII/VIII as mulheres tentavam descobrir e evidenciar a existência de “Einsteins femininos” para dessa forma mostrar que as mulheres eram capazes de produzir ciência e contrabalançar os estereótipos de homens cientistas, dessa forma mostrando que, biologicamente, elas também tinham capacidade de produzir ciência. Nos parece que na atualidade ainda continuamos na procura de “Einsteins femininos”, não nesse mesmo sentido dos séculos anteriores, mas jovens mulheres com talento “natural” para a ciência, como se fosse um dom e que para isso também requeria muito esforço, devido às exigências que se fazem presentes nos editais de premiação e de produção científica.

Também se nota a partir dessa premiação a possibilidade de um maior incentivo, apoio e inserção das mulheres na ciência. O quanto é incentivada a participação das mulheres na ciência, seguindo alguns critérios de ser mulher cientista destacados pela premiação – talentosa, jovem e delicada – conforme evidenciamos no excerto abaixo:

Marlova Noletto, representante da Unesco, enfatizou sua alegria em ver o quão jovens eram as premiadas. "A ciência necessita da força e da delicadeza que só as mulheres sabem combinar" (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015).

As mulheres podem fazer parte da ciência, mas ainda são enfatizados alguns atributos que, através da história e da cultura, foram sendo atribuídos a esse gênero. Podemos nos questionar: todas as mulheres são delicadas? E apenas as mulheres têm esse atributo? Isso nos faz lembrar algumas características biológicas que até pouco tempo atrás eram consideradas impróprias para a produção da ciência. Voltaire¹ apontava que, devido a sua fisiologia, a mulher era mais frágil que o homem e que a delicadeza de seus membros a tornava pouco capaz para qualquer tipo de trabalho. (CRAMPE-CASNABET, 1991). A ausência das mulheres na ciência, foi constantemente justificada com base na materialidade biológica, a qual permitia diferentes posições de sujeitos.

Segundo Ana Colling (2014, p. 57), esses discurso biológico já aparecia nos textos de Aristóteles, que argumentava que “o tamanho do cérebro, a diferença entre homens e mulheres, conceito utilizado durante muito tempo para caracterizar a mulher como um ser inferior intelectualmente, e demonstrar a maior inteligência dos

¹ Voltaire era o pseudônimo de François-Marie Arouet, um importante ensaísta, escritor e filósofo iluminista francês.

homens”. Na contemporaneidade observamos que algumas dessas características que eram símbolos de inferioridade, como, por exemplo, a delicadeza, são apontadas como relevantes e diferenças para o trabalho das mulheres com a ciência.

Nos materiais analisados também observamos narrativas de mulheres cientistas que evidenciam a capacidade dessas sujeitas na produção de saberes científicos e o incentivo e inspiração para jovens que desejam atuar nesse campo, conforme excerto abaixo.

De acordo com a pesquisadora da UFRGS, cujo trabalho é estudar materiais porosos que possam ser utilizados como detectores de gases, já está provado que as mulheres são tão capazes quanto os homens. Nesse sentido, ela vê na premiação uma forma de inspirar suas alunas (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015).

Márcia Barbosa, uma das cinco pesquisadoras laureadas em 2013 pelo programa internacional L'Oréal-Unesco “Para Mulheres na Ciência”, aponta que *“Lugar de mulher é em todo lugar”* (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015). Essa laureada, além de pesquisar sobre as particularidades da água – pesquisa com a qual ganhou a premiação – ela também está envolvida na rede de discussões que envolvem o gênero e ciência, buscando também políticas específicas para as mulheres. Essa premiação auxiliou essa laureada brasileira a ter uma grande repercussão de seu trabalho, bem como visibilizou a presença das mulheres na ciência, evidenciando alguns desafios e possibilidades dentro desse campo do saber, em diferentes mídias eletrônicas e impressas. Essa laureada, suas ações, debates e iniciativas evidenciaram a disparidade ainda existente entre homens e mulheres na atuação científica.

Mesmo que projetos de incentivo à presença da mulher em diferentes âmbitos profissionais sejam cada vez mais frequentes, estatísticas revelam que ainda há, no universo científico, uma grande disparidade entre os gêneros. Segundo estudos realizados em 2012 pela European Commission, menos de 30% dos físicos, engenheiros e cientistas de computação da União Europeia, Estados Unidos, Brasil, África do Sul, Índia, Coreia e Indonésia são mulheres. Além disso, nesses países, apenas 12% dos cargos científicos de tomada de decisão nas universidades e no setor privado são ocupados por elas. (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015)

Tabak (2002), em seu livro “O laboratório de pandora” nos expõe as relações que estão presentes entre a mulher e a ciência ao longo da história da ciência na América Latina. Apontando alguns desafios que as mulheres ainda vêm enfrentando no mercado de trabalho, buscando explicações em raízes políticas e culturais para tais dificuldades. A partir disso, podemos pensar que essa premiação no Brasil tem, de certa forma, provocado algumas rachaduras nessa ciência moderna constituída apenas por homens. Um exemplo trazido no relatório de atividades pela (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015) é a construção de um grupo de pesquisa e a busca por medidas para aumentar a participação feminina na produção do conhecimento científico, como é possível perceber no excerto abaixo.

Para intensificar sua atuação nesta área, a ABC constituiu o Grupo de Estudos sobre Mulheres na Ciência que, marcando o início de seus trabalhos, promoveu, na sede da Academia, no dia 19 de dezembro, o Simpósio

“Fortalecendo a Presença das Mulheres na Ciência Brasileira: Problemas e Desafios”. Contando com a participação de pesquisadores de importantes universidades brasileiras, bem como do CNPq e da Secretaria de Políticas para as Mulheres, o encontro discutiu temas como a existência de barreiras de gênero na carreira científica, o cenário específico do Brasil e o desafio da atração de meninas e moças para carreiras em ciência e tecnologia. A partir da reflexão inicial, os participantes debateram estratégias para a construção de um ambiente mais inclusivo para as mulheres na ciência brasileira (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2015).

Fanny Tabak (2002) aponta que esse incentivo para as meninas na ciência começou a partir de uma conferência que se discutiu a desigualdade de gênero e ausência das mulheres na ciência, na qual se chegou à conclusão de que se tinham poucas mulheres na ciência porque as mulheres não tinham exemplos femininos de mulheres cientistas; por isso era preciso incentivar e mostrar que as mulheres também podem ser cientistas.

Tecendo algumas considerações

Transitar por esses materiais – relatório e reportagem – com relação às mulheres cientistas premiadas pelo Programa “Para Mulheres na Ciência” nos possibilitou problematizar, ao longo desse texto, algumas enunciações. Tais enunciações nos provocaram algumas desestabilizações e reflexões acerca de questões que envolvem os gêneros e a ciência, e suas articulações com as esferas políticas e culturais.

Ao longo dessa produção foi possível tecer algumas reflexões com relação às ausências e presenças das mulheres na ciência, bem como estigmas, estereótipos e preconceitos que foram e continuam a ser (re)produzidos com relação às mulheres cientistas. Analisar o material disponível na página da ABC nos possibilitou compreender a ciência como um espaço generificado, permeado de representações e significados que sustentam “barreiras invisíveis” para as mulheres seguirem e destacarem-se na carreira científica. Romper tais barreiras implica na desconstrução da lógica binária dos gêneros, visando problematizar a construção hierárquica existente entre homens e mulheres, a qual define e justifica posicionamentos sociais diferentes para cada gênero.

Torna-se relevante problematizar o entendimento da ciência como neutra com relação aos gêneros, evidenciando a forma como homens e mulheres são representados e reconhecidos nesse campo. Pensar o quanto mulheres cientistas ainda continuam sendo desvalorizadas na produção de conhecimento.

Sabemos que as discussões e problematizações que procuramos desenvolver ao longo desse artigo, não são definitivas ou inquestionáveis, mas apresentam apenas algumas reflexões sobre as mulheres na ciência, a partir de um olhar inquieto que desestabilizou nossas certezas e nos provocou a questionar e problematizar a presença das mulheres na ciência contemporânea.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. *Relatório anual de atividades*. 2013. Disponível em: <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-5265.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2015.

BANDEIRA, L. *A contribuição da crítica feminista a ciência*. Florianópolis: Estudos Feministas, 2008. p. 207-228. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2015.

CRAMPE-CASNABET, M. A mulher no pensamento filosófico do século XVII. In: DUBY, G.; PERROT, M. (org.) *História das mulheres*: v. 3. Porto: Afrontamento, 1991.

COLLING, A. *Tempos diferentes, discursos iguais*: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário de língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, M. A arqueologia do Saber. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MEYER, D. E. E.; SOARES, R. de F. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com - e a partir de - um filme. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. *Caminhos Investigativos III*: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

ROHDEN, F. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru/SP: EDUSC, 2001.

SILVA, F. *Mulheres na ciência*: Vozes, tempos, lugares e trajetórias. Rio Grande: FURG/PPGEC, 2012. 148 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande, 2012.

TABAK, F. *O laboratório de Pandora: estudo sobre a ciência no feminino*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

WOLF, V. *Profissões para Mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre/RS: L&PM, 2012.